

VOZES NÃO SILENCIADAS EM *CLAIRE OF THE SEA LIGHT* DE EDWIDGE DANTICAT

Ana Flávia de Morais Faria Oliveira¹

Resumo: Nascida em Porto Príncipe, Haiti, Edwidge Danticat tornou-se uma das mais expressivas vozes da diáspora. Com zelo e habilidade, ela escreve histórias políticas e pessoais sobre os temas de gênero, raça, classe e nacionalidade, evocando ao Haiti. Em *Claire of the sea light* (2013), Edwidge Danticat nos conta sobre o desaparecimento de Claire, uma garota pobre que foge ao saber que seria adotada por Madame Gaëlle, uma senhora bem-sucedida de Ville Rose. Após o desaparecimento da garota, a narrativa é permeada por narrativas de outras personagens da região. Em todas essas narrativas, Danticat nos apresenta uma pequena vila litorânea de pescadores assolada pela violência, corrupção, disparidade social, mas que ao mesmo tempo é um local onde as pessoas anseiam por um mundo melhor. O objetivo desse trabalho é analisar as relações de colonialidade vislumbradas no romance, sobretudo, no capítulo *Ghosts* (fantasmas), no qual é retratado a história do personagem Bernard Dorien e seu envolvimento com as gangues de Cité Pendue, com o intuito de demonstrar como a autora cria espaços narrativos para que vozes silenciadas sejam ouvidas. Para isso, lançaremos mão de teorias pós-colonial e decolonial.

Palavras-chave: relações de colonialidade, literatura haitiana, Edwidge Danticat

Introdução

Este trabalho analisa o romance *Claire of the sea light* (2013), de Edwidge Danticat, onde a autora cria diferentes espaços narrativos para denunciar as relações de colonialidade existentes nos dias atuais no Haiti. Embora a narrativa tenha sido publicada após o terremoto no país que vitimou mais de 150 mil pessoas, a autora retrata uma população cercada de problemas que vão além de desastres naturais. A narrativa é ambientada em uma vila litorânea de pescadores chamada Ville Rose e em Cité Pendue, uma favela a 8 milhas de Ville Rose, ambos locais ficcionais do Haiti onde são expostos os problemas de violência, injustiça, corrupção e disparidade social.

O romance é dividido em duas partes, somando um total de oito capítulos. No capítulo inicial intitulado “Claire of the sea light”, é narrada a história de Claire, uma garota pobre, cuja mãe morreu no seu nascimento. Seu pai, o pescador Nozias, já há alguns anos vinha tentando convencer Madame Gaëlle a adotar Claire para que pudesse partir de Ville Rose em

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e membro do grupo de pesquisa Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora – LAALID.

busca de melhores oportunidades. Quando finalmente a senhora aceita adotar a criança, ela desaparece. Somente sabemos o que acontece com a garota no capítulo final, em “*Claire of the lune*”.

A medida que a comunidade se mobiliza à procura da garota, uma série de segredos dolorosos são reveladas. Dessa forma, entre a história inicial, com o desaparecimento da garota e seu reaparecimento no final, são apresentadas narrativas de outros personagens de Ville Rose: a história de Gaëlle, uma empresária bem sucedida; a trágica história de Bernard Dorien com sua boa intenção em colocar paz entre as gangues da favela Cité Pendue; a história de Max Junior, um rapaz afluente que comete um crime contra Flore Voltaire, uma empregada da família; e Louise George, uma apresentadora de rádio popular que dá voz à população da região por meio de seu programa de entrevista. *Claire of the sea light*, portanto, é composto por histórias que interconectadas. Ao apresentar em uma obra diferentes vozes e histórias, Dandicat abre esses espaços narrativos para que diferentes colonialidades sejam problematizadas. Neste trabalho, abordamos a criminalidade em Cité Pendue que ceifava vidas de jovens tanto membros de gangues, quanto de pessoas inocentes. Para isso, realizamos um recorte do capítulo *Ghosts*, uma micronarrativa que retrata a história de Bernard Dorien, um jovem pertencente à classe média baixa que, na tentativa de dialogar com pessoas envolvidas com a criminalidade, acaba tendo um final trágico. Antes, portanto, de adentrarmos na análise faz se necessário uma breve discussão sobre a questão da colonialidade no Haiti e como a autora procura problematiza-la através da ficção.

1. Haiti: Estado independente de sociedade colonial

Os problemas que assolam nações que passaram pelo jugo colonial, como é o caso do Haiti, necessitam ser analisados e discutidos do ponto de vista do subalterno como advoga Ramón Grosfoguel (2008). O autor explica que os paradigmas eurocêtricos hegemônicos, ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências ocidentais, assumindo um ponto de vista universalista. A fim de combater esses universalismos, Grosfoguel defende as perspectivas subalternas étnico-raciais e feministas, pois essas contribuem para a descolonização de epistemologias e cânone ocidental. Grosfoguel entende que o pensamento da fronteira seria uma resposta crítica aos fundamentalismos, sejam eles hegemônicos ou marginais.

Nesse sentido, a obra *Veias abertas da América Latina* (2015 - 1978), do uruguaio Eduardo Galeano parece ilustrar bem a questão histórica colonial e pós-colonial do Haiti já faz um diálogo com o passado e o presente, ressaltando, sobretudo, a condição de subalternidade do país. Desde a primeira edição, Galeano sinaliza que o Haiti é “o país mais pobre da América Latina” (GALEANO, 2015, p. 101). Essa afirmação é bastante pertinente por elucidar que, embora o Haiti tenha sido o primeiro país da América Latina a se libertar do colonialismo (1804), ainda não se libertou da colonialidade. Esse fato parece incomodar Dandicat, e ela tem se esforçado em problematizá-lo.

Galeano conta que as Antilhas, conhecidas como *Sugar Islands* (ilhas do açúcar), integradas ao mercado mundial como produtoras de açúcar, ao açúcar foram condenadas. Na metade do mesmo século, os solos esponjosos do Haiti, colônia francesa que se chamava Saint Domingue, produzia o melhor açúcar do mundo. As condições geográficas do Haiti - somadas a outros fatores - que transformaram o país, nas palavras de Galeano, “num desaguadouro de escravos” (GALEANO, 2015, p. 100), em que o açúcar fez com que, em 1786, chegassem à ilha 27 mil escravos e 40 mil no ano seguinte. Cinco anos mais tarde, em 1791, eclodiu a revolução. Galeano nos conta que, em um só mês, duzentas plantações foram queimadas e os incêndios e os combates se intensificaram, resultando na expulsão dos exércitos franceses na direção do oceano, em que embarcações, de volta à França, carregavam mais e mais franceses e cada vez menos açúcar. O cenário consequente dessa revolução é assombroso, conforme descreve o autor, pois a longa guerra verteu rios de sangue, decresceu verticalmente a produção de açúcar e o país se transformou em um cemitério de cinzas. Nesse sentido, Galeano afirma que “o país nasceu em ruínas e não se recuperou jamais” (GALEANO, 2015, p. 101).

Para Quijano, esse movimento histórico produziu uma revolução nacional, social e racial, ou seja, uma descolonização real e global do poder. No entanto, essa ação foi efêmera em consequência das repetidas intervenções militares de outros países. Dentre elas, Figueiredo destaca as intervenções da França, antiga metrópole, e dos Estados Unidos – país que já havia ocupado o Haiti por quase 20 anos (1915 -1934) e, ainda, a intervenção do Brasil com a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), todas em 2004, ano que o país comemorava o bicentenário de sua independência. Referente a essa realidade, Quijano entende que,

o processo de independência dos Estados na América Latina sem a descolonização da sociedade não pôde ser, não foi, um processo em direção ao desenvolvimento dos Estados-nação modernos, mas uma rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais (QUIJANO, 2005, pp. 123-124).

Dessa maneira, apoiando-nos nisso, podemos afirmar que o Haiti, bem como outros países da América Latina, é um Estado independente de sociedade colonial. Ademais, sua afirmação nos leva à hipótese de que, no Haiti, o colonizado parece ter tomado o lugar do colonizador, estabelecendo uma relação de dominação como a de seus antigos senhores.

Tal conjectura é ratificada, à medida que Figueiredo, citando Laënnec Hurbon (1988), nos informa que os escravos líderes da revolução, amedrontados em perder o poder, se viram na necessidade de se tornarem presidentes vitalícios ou de se proclamarem imperadores, a fim de se tornarem senhores absolutos. E os que vieram depois não foram diferentes, pois, de acordo Figueiredo, os mulatos que tomaram o poder após a morte de Christophe, antigo líder escravo, se orgulhavam por ser descendentes de brancos e se consideravam mais próximos dos franceses que dos africanos. Sendo assim, eles se sentiam mais próximos do único ideal de cultura e civilização que conheciam e, conseqüentemente, mais preparados para liderar o país.

A autora ainda acrescenta que, no Haiti, havia uma dificuldade de se criar um imaginário haitiano, pois o cotidiano, as expressões emocionais e as experiências de vida eram recalçadas. No entanto, essa alienação baseada no processo colonial foi colocada em xeque durante a ocupação americana (1915 – 1934), onde muitas famílias mulatas foram para a Europa e lá tiveram contato com o primitivismo e da *art nègre* cultivadas pelos artistas de vanguarda, como por exemplo, a influência de estátuas e máscaras africanas que refletia em *Les demoiselles d'Avignon* (1906), de Pablo Picasso . Foram, portanto, jovens mulatos que criaram o *Revue Indigène* (1927), passando, então, a valorizar no Haiti tudo aquilo que lhes passaram despercebidos.

A autora argumenta que “a literatura procura exprimir a alma nacional através dos discursos que se impunham, o discurso da raça e a rememoração da revolta de 1804” (FIGUEIREDO, 2010, p. 55), através de uma tomada de consciência de escritores no sentido de incorporar a cultura popular até então marginalizada. Roger Gaillard (1993) entende o movimento “‘indigenismo’ a vontade dos artistas de se inspirar (quanto aos temas e à forma) nos costumes, nos valores (da música, religião e dança) que pertencem à vida, a cultura

nacional” (GILLARD 1993, *apud* FIGUEIREDO, 2014, p. 58). O romance inaugural da literatura haitiana, *Gouverneurs de la rosée* (1944) de Jacques Roumain, por exemplo, incorporou dois elementos da cultura popular: a tematização do vodu e o crioulo. É importante ressaltar que o vodu é um elemento que continuou sendo tematizado nos romances haitianos contemporâneos, aparecendo, porém, de forma parcimoniosa, conforme esclarece Figueiredo.

Retomando esse passado colonial e pós-colonial, ainda que brevemente, podemos entender que as relações de colonialidade no Haiti nos dias atuais acontecem externa e internamente. Os argumentos expostos até agora demonstraram que o Haiti sofre as consequências desse passado colonial, não somente nas esferas econômicas, como tem defendido Galeano, mas também nos aspectos culturais do país, conforme advogou Figueiredo. A partir dessa distinção, notamos que, em *Claire of the sea light*, a autora representa a mescla desses problemas na atualidade, conforme segue a análise.

2. Vozes não silenciadas na favela de Cité Pendue

Conforme discutido anteriormente, a literatura haitiana procurou resgatar nos aspectos temáticos e formais, os valores culturais da nação com a incorporação sobretudo do vodu e crioulo. Tais elementos aparecem em *Claire of the see light* onde Dandicat evoca o Haiti valorizando, assim, a religião, as tradições, bem como o dialeto autóctone da região. Além de abordar esses temas, Dandicat se preocupa em problematizar as relações colonialidades que castigam o Haiti, classificando-o como o país mais pobre do hemisfério ocidental. Estudos recentes sobre o país revelam que 80% dos haitianos são de pobres a miseráveis. José Martins (2015) argumenta que o país atualmente se encontra à deriva por ter sido alvo de sucessivas intervenções externas, vivendo longos períodos de ditadura, sofreu catástrofes naturais que vitimou grande parte da população. E que em razão dessas dificuldades, um terço deles vive fora do país.

Sobre o cenário atual do Haiti, Figueiredo afirma que a reação dos brasileiros diante das cenas mostradas na mídia é ambivalente por parecerem ao mesmo tempo muito próximas e muito distantes. Uma das similaridades apontada pela autora se trata da violência de negros em atos de vandalismo em favelas. Essa temática é explorada por Edwidge

Dandicat que problematiza as gangues no capítulo intitulado *Ghost* (fantasma). Nesta parte, é narrada história de Bernard Dorien, um jovem de classe média baixa que, com seus pais, possuía um restaurante em Cité Pendue. Os Doriens acompanharam de primeira mão todas as mudanças das quais passou Cité Pendue e uma delas foi a presença das gangues no local. Vejamos como isso aconteceu:

Cité Pendue - vinte e oito milhas de Porto Príncipe e oito milhas do centro de Ville Rose - era na verdade apenas uma favela de nível médio. Afinal, ela tinha poucas igrejas protestantes, muitos templos de vodu, alguns restaurantes e padarias. (DANDICAT, 2014, p. 64, tradução nossa).²

Os Doriens permaneceram em Cité Pendue, tanto quanto seus vizinhos, e criaram seu filho - e centenas de pombos que ao longo dos anos eles venderam vivo e morto para reprodução ou para alimentos. A maioria de seus clientes, até certo ponto, tinha sido jovens nervosos que queriam realizar um ritual Cité Pendue antes de seu primeiro encontro sexual. [...] [E]les lamentaram o dia em que as pessoas tinham vindo para comprar pombos para corridas, ou para treinar como transportadoras (correio), ou como animais de estimação para seus filhos pequenos. Eles começaram a sentir falta dos dias de pais e filhos, porque, de repente, os clientes passaram a ser homens jovens corpulentos que tinham se reunido no que inicialmente se chamava 'organização popular', em seguida, gangues (DANDICAT, 2014, p. 65-66, tradução nossa).³

No primeiro excerto notamos que a região era uma favela comum com pequenos estabelecimentos comerciais e templos religiosos, perfil bastante similar com as favelas do Brasil. A mudança, portanto, fica claro quando o narrador onisciente ressalta o sentimento nostálgico dos Doriens ao lembrarem de como Cité Pendue era no passado e se lamentarem pelo que o local havia se tornado no presente. Dandicat cria vários núcleos narrativos em *Claire of the see light* e em um deles, (*ghost*) ela centraliza a questão da criminalidade disseminada pelas gangues nas favelas do Haiti.

Divanize Carbonieri (2015), em *Graceland e Cidade de Deus: subvertendo a colonialidade nas favelas de Lagos e Rio de Janeiro*”, em que analisa dois romances do nigeriano Chris Abani e do brasileiro Paulo Lins, mostra que, em ambas as narrativas,

² Cité Pendue - twenty-eight miles from Port-au-Prince and eight miles from the center of Ville - was actually only a midlevel slum. After all, it had few Protestant churches, many Vodou temples, some restaurants and bakeries.

³ the Doriens stayed at Cité Pendue, much as their neighbors had to, and raised their son - and hundreds of pigeons that over the years they sold both alive and dead for breeding or for food. Most of their customers at one point had been nervous young men who wanted to perform a Cité Pendue ritual before their first sexual encounter. [...] They mourned the day when people had come to buy pigeons for racing, or to train as carriers, or as pets for their small children. They began missing the days of the fathers and sons, because suddenly their customers were beefy young men who'd gathered themselves into what were at first called 'popular organization', then gangs.

centradas em jovens negros, é interrogada a colonialidade em que espaços afrosdiaspóricos como Nigéria e Brasil ainda estão inseridos. Estabelecendo uma comparação entre as obras, Carbonieri conclui que as favelas constituem o cronotopo pós-colonial em que se estabelecem as narrativas de indagação à colonialidade dos dias atuais. A autora aponta que, no caso do romance *Cidade de Deus*, em que Lins traz a marginalidade para o centro da narrativa, concentrando quase que exclusivamente a ação na favela, o autor está questionando a colonialidade que também se estabelece na literatura. Dandicat, semelhantemente a Lins, apresenta o referido capítulo em uma favela no Haiti e, conforme foi observado por Carbonieri, esse tipo de romance questiona a colonialidade do espaço onde se estabelece a narrativa e a própria literatura.

Ghosts é o nome do capítulo que se refere às gangues, e esse nome se explica pelo fato de seus membros serem conhecidos como tais (*chimè, chimeras ou fantasmas (ghosts)*). Ao trazer logo no título essa nomenclatura, Dandicat parece estar apontando os holofotes a esse grupo social. Sobre o perfil de *ghosts*, a autora descreve que seus integrantes eram, na maioria, crianças de rua que não conseguiam lembrar de já ter vivido em uma casa; meninos cujos pais haviam sido assassinados ou acometidos por alguma doença mortal. Mais tarde, essas crianças acompanhavam os homens jovens corpulentos da vizinhança, homens os quais, ligados aos grandes empresários ambiciosos e os políticos locais, recebiam armas para manipular o terror na comunidade.

A descrição das gangues feita por Dandicat revela a condição de marginalidade e vulnerabilidade que vivem as crianças no Haiti que encontram nas gangues uma forma de sobreviver. Ademais, ao retratar que a maioria da de seus componentes era formada por crianças e por homens jovens, a autora mostra a baixa expectativa de vida desse grupo social.

Em *Cité Pendue*, as gangues se alastravam, ceifando muitas vidas: tanto de seus próprios integrantes, quanto de pessoas inocentes, conforme mostra o exemplo abaixo:

Naquela noite perfeitamente estrelado, Laurent Lavaud não pôde chegar em casa a tempo de encontrar sua filha, Rose. Houve um tiroteio na Rádio Zòrèy, onde, sem saber que sua esposa tinha começado o trabalho de parto, ele parou por um minuto para deixar mais dinheiro de patrocínio. Os tiros foram disparados quando Laurent estava saindo da estação, e ele foi atingido por três balas ao coração e morreu no local (DANDICAT, 2014, p. 63, tradução nossa).⁴

⁴ On that perfectly starry night, Laurent Lavaud did not make it home in time to meet his daughter, Rose. There had been a shooting at Radio Zòrèy, where, not knowing that his wife had began her labor, he'd stopped for a

Bernard Dorien é outro inocente que tragicamente tem sua vida ceifada em consequência de seu envolvimento com a gangue *Baz Benin*, comandada por Tiye. E, ao contrário do que se parece, a participação de Bernard na gangue não foi a de se tornar um membro, mas a de tentar colocar um fim nela.

Contrastando-se aos meninos componentes das gangues, Bernard cresceu ajudando os pais no restaurante. Com o aumento da criminalidade no local, os Doriens sentiam repulsa em ver os membros das gangues de meros vendedores de drogas a usuários do que eles chamavam *poud blan* (pó branco); bem como a mudança no perfil da clientela, já que Tiye e seus companheiros frequentavam o restaurante. Os pais de Bernard frequentemente pensavam em partir dali, no entanto, foi com a presença dessa clientela que o restaurante se expandiu. Sendo assim, a porta do estabelecimento permanecia aberta “porque a mesma praga que estava destruindo Cité Pendue estava permitindo eles prosperarem” (DANDICAT, 2014, p. 67, tradução nossa).⁵

Para ficar longe das gangues, Bernard Dorien entrou para a polícia e, apesar do pouco tempo em tal atividade devido seu problema com a asma, foi o suficiente para despertar uma paixão: o rádio. Durante os treinamentos de formação policial, Bernard se apaixonou pelo rádio, “especialmente as notícias e comentários, telefonemas, e os programas de entrevista que pareciam ser ouvidos em cada casa, carros, a cada esquina de comércio, ou a cada loja” (DANDICAT, 2014, p. 68, tradução nossa).⁶ Sendo assim, nas horas em que não estava ajudando os pais no restaurante, Bernard escrevia notícias para o Rádio Zòrèy, a única estação de rádio em Ville Rose.

Vendo nesse veículo de comunicação a oportunidade de se “tornar um tipo de jornalista de rádio o qual preferiria chamar o ‘gueto’ a partir do gueto” (DANDICAT, 2015, p. 68, tradução nossa),⁷ Bernard almejava poder dar voz aos grupos marginalizados de Cité Pondue, sobretudo às gangues:

Seu comentário no segmento de Rádio, [...] seria chamado Chimè, ou Ghosts (fantasmas). [...] [A]s pessoas reorganizariam suas programações em torno dele.

minute to drop off more sponsorship money. The shots had rung out as Laurent was leaving the station, and he was struck by three bullets to the heart and died on the spot.

⁵ [...] Because the same blight was destroying Cité Pondue was allowing them to prosper.

⁶ [...] especially the news and commentary, call-in, and interview programs, which seemed to blast from every house, car, street-corner business, or shop.

⁷ [...] becoming the kind of radio journalist who'd talk about what he preferred to call a 'geto' from the inside.

Elas não deixariam de discutir o assunto. Os ouvintes iriam se perguntar: quais são os homens e mulheres no gueto até agora? Eles seriam encorajados a descobrir maneiras de aliviar o problema das gangues. Também, presente no programa, teriam psicólogos, especialistas em comportamento humano e planejadores de bairro (DANTICAT, 2014, p. 69-70, tradução nossa).

A ideia de Bernard não só foi rejeitada como trouxe graves consequências a ele. Semanas mais tarde, uma dezena de homens da Força Especial leva Bernard preso porque ele foi apontado por Tiye, como o autor intelectual de um tiroteio na estação de rádio Zòrèy, que resultou na morte do empresário e patrocinador da rádio, Laurent Lavaud. Bernard é levado para prisão com “seu pai gritando que uma injustiça estava acontecendo” (DANDICAT, 2014, p. 74, tradução nossa).⁸ Na prisão, o jovem parecia mais estar passando por uma tortura que por um interrogatório, já que teve seus olhos vendados e foi impiedosamente espancado. No mesmo dia à noite Bernard estava de volta em casa e, no restaurante, conversava sobre o ocorrido com seu próprio acusador, Tiye, o qual fez um acordo com a polícia que resultou na liberação dele próprio e de Bernard. Ao se ver ali com Tiye, o homem que havia lhe colocado na cadeia e depois tirado dela, Bernard pôde refletir o que tudo aquilo significava:

Bernard percebe que tudo isso foi um jogo para Tiye. Ele tinha entregado Bernard e, em seguida, salvou-o, e agora ele estava dando algumas risadas e tomando umas cervejas. Foi tudo em um dia de trabalho. Ainda, Bernard não conseguia deixar de ter a sensação de que um dia eles levariam um tiro, como o dono da loja de tecidos, Laurent Lavaud e como quase todos os jovens que vivem em favelas. Um dia pode ocorrer a alguém, alguém com raiva, poderoso e maníaco – ou um chefe de polícia ou um líder de gangue, ou um líder de uma nação - que eles, e todos os que viviam perto ou como eles, seria melhor morto (DANDICAT, 2014, p. 82, tradução nossa).⁹

No excerto, Dandicat retrata a naturalidade pela qual os membros das gangues lidam com a morte. Além disso, a autora mostra que, quem habita no espaço das favelas, as chances de morrer de maneira precoce são grandes: seja de forma acidental ou intencional; seja pela ação de criminosos ou pelas mãos das autoridades. Bernard tinha a certeza de que uma bala o acertaria, só não sabia que seria de maneira intencional:

⁸ [...] his father shouted that an injustice was taking place.

⁹ Bernard realizes that this was all a game to Tiye. He had turned Bernard in, then rescued him, and now he was having a few laughs and some beers. It was all in a day's work. Still, Bernard couldn't shake the feeling that one day they would all be shot, Like the fabric shop owner Laurent Lavaud and like almost every young man living in slum. On day it might occur to someone, someone angry and powerful, and maniacal - a police chief or a gang leader, or a leader of a nation - that they, and all those who lived near or like them, would better off dead.

Na manhã seguinte, Bernard Dorien foi encontrado morto na cama de seu quarto vermelho. Ele tinha sido assassinado da mesma forma que Laurent Lavaud, o proprietário da loja de tecidos, com três balas precisas, e, no caso de Bernard, silenciosamente, administrada ao seu coração (DANDICAT, 2014, p. 84, tradução nossa).¹⁰

A autoria da execução de Bernard Dorien só é mencionada nos capítulos posteriores. A fim de fazer justiça com as próprias mãos, Madame Gaëlle aceita a proposta de policiais das Forças Especiais para tirar a vida do jovem. O fato de a ideia em tirar a vida de Bernard ter partido dos agentes policiais, deixa claro que o interesse em o eliminar era um interesse de Estado. Criaram-se, portanto, um pretexto para que sua voz fosse silenciada.

Considerações finais

Em *Ghosts*, Dandicat não enfatiza a criminalidade propriamente dita. Embora apareça a morte violenta de Bernard Dorien, as ações que se desenrolam na trama se preocupam mais em estampar a corrupção em Cité Pendue. Autoridades policiais e os membros das gangues pareciam andar de mãos dadas a servir o Estado. A esperança de Bernard em dar voz às gangues por meio do rádio com a intenção de tornar Cité Pendue um local menos hostil, lhe trouxe graves consequências, pois ao manifestar sua ideia, ele é preso, torturado e, por fim, assassinado. Entendemos que neste capítulo, Dandicat procura problematizar a violência, corrupção e, sobretudo, o número alarmante de vítimas ocasionado por desses fatores. Mesmo que Bernard teve sua voz calada na narrativa, acreditamos que que a autora em *Ghosts*, possibilita que as muitas vozes que foram silenciadas decorrentes da criminalidade sejam ouvidas.

Referências

CARBONIERI, Divanize. **Graceland e Cidade de Deus: subvertendo a colonialidade nas favelas de Lagos e Rio de Janeiro**. *Mulemba*, v.13, p. 62-83, Rio de Janeiro, 2015.

¹⁰ The next morning, Bernard Dorien was found dead in the bed of his red bedroom. He had been murdered in the same way that Laurent Lavaud, the owner of the fabric shop had, with three bullets expertly, and, in Bernard's case, silently, administered to his heart.

- DANDICAT, Edwidge. **Claire of the sea light**. Quercus Editions Ltd, Great Britain /London, 2014 (2013).
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sérgio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- GROSGUÉL, Ramón. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political economy: transmodernity, decolonial thinking, and global coloniality. In: **TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, School of Social Sciences, Humanities, and Arts, UC Merced, 2011.
- MARTINS, José Renato Vieira (coord). **A diáspora haitiana: da utopia a realidade**. UNILA. USP, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.